

ESTUDO, CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE UM ESTOJO DE FAQUEIRO DO SÉCULO XVIII

STUDY, CONSERVATION AND RESTORATION OF AN EIGHTEENTH CENTURY CUTLERY CASE

Alexandra Santos*

Carolina Barata, Eulália Subtil, José Frade, José Silva
Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (EA/UCP)
Centro de investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR)

Resumo

A intervenção de conservação e restauro de um estojo de faqueiro do século XVIII e o seu estudo histórico, material e técnico permitiram, não só restituir a integridade física e a função original do objeto, mas também aprofundar o conhecimento que se detém atualmente sobre os materiais e sistema construtivo deste tipo de mobiliário de conter, o qual materializa um importante testemunho das regras de etiqueta à mesa desenvolvidas na sociedade portuguesa de Setecentos, por influência da corte francesa de Luís XIV. O presente artigo pretende descrever o enquadramento histórico e estético em que este móvel surgiu, bem como as suas características técnicas e materiais com base nos resultados de análises laboratoriais.

Palavras-chave: móvel de conter; estojo de faqueiro; estudo analítico; conservação e restauro.

Abstract

The intervention of conservation and restoration of an eighteenth century cutlery case and its historical, material and technical study, allowed not only to restore the physical integrity and original function of the case, but also to deepen the knowledge about the materials and constructive system of the storage furniture, which embodies an important testimony of the table etiquette developed in the Portuguese society of the eighteenth century, under the influence of the French court of Louis XIV. This article aims to describe the historical and aesthetical context in which this piece has emerged and its material and technical features based on the results of the laboratorial analysis that were performed.

Key-words: storage furniture; cutlery case; analytical study; conservation.

*E-mail: alex.sof.santos@gmail.com

1. Introdução.

Os estojos de faqueiro são um testemunho físico das alterações que as regras de etiqueta à mesa introduziram na cenografia da sala de jantar portuguesa durante os séculos XVIII e XIX, tendo por função o transporte, a proteção e a exposição dos talheres de prata, de modo a impressionar os convivas e afirmar o poder social da família a que pertenciam. Apesar da importância que este objeto teve na arte da mesa como reflexo dos novos valores que sagravam na mentalidade da época, o estojo de faqueiro tende a ser relegado para segundo plano face ao brilhantismo dos talheres, permanecendo como um acessório da exposição da prataria da casa e carecendo de estudos aprofundados sobre a sua execução, morfologia e materiais utilizados no seu fabrico.

Com este trabalho pretende-se fazer uma revisão do percurso evolutivo do estojo de faqueiro em Portugal, o contexto histórico e social em que surgiu e as diferentes formas, características e materiais que apresentou. Esta contextualização histórico-social é complementada com os resultados de um estudo analítico realizado durante a intervenção de conservação e restauro de um exemplar de finais do século XVIII, que permitiu aprofundar o conhecimento atual sobre os materiais utilizados no fabrico destes objetos, alguns deles não são visíveis sob os revestimentos decorativos.

2. Enquadramento Histórico-Social: dos estojos de viagem aos estojos de aparato

O aparecimento dos estojos de faqueiro está intimamente relacionado com a evolução das regras de etiqueta à mesa e as transformações que a colher, a faca e o garfo sofreram ao longo dos tempos até se tornarem no conjunto unitário e decorativo denominado talher, que se colocava junto ao prato de cada comensal durante as refeições.

Até ao século XVIII, contudo, a perceção destes utensílios como uma unidade não existia e a utilização individual dos mesmos era reservada aos reis, aos grandes senhores, laicos ou eclesiásticos, e outros com poder económico e estatuto social elevado. Por esta razão, a importância atribuída ao talher como símbolo de riqueza e ostentação era transversal aos três utensílios, embora a colher e a faca tenham surgido primeiro, existindo referências nacionais a ambas já na Idade Média¹, e o garfo de mesa, tal como o conhecemos, tenha surgido mais tarde.

Tanto a colher como a faca eram considerados utensílios de uso coletivo durante as refeições para a maioria da população medieval dos séculos XIV e XV². O garfo de uso pessoal terá sido introduzido na Europa como complemento da faca no início do século XVII, importado de Bizâncio para Itália onde era usado essencialmente para comer fruta, doces e outras sobremesas sem sujar os dedos ou a roupa. A presença do garfo à mesa constituía um método bastante higiénico para pegar nos alimentos, por isso tornou-se um utensílio apreciado em França

na primeira metade do século XVII e depois em Inglaterra³. Existem também documentos portugueses que sugerem que a introdução do garfo em Portugal se deu antes de Seiscentos, por influência italiana ou oriental. Essa documentação menciona o uso de uma colher e de um garfo pequeno, em prata, usados na corte portuguesa durante o reinado de D. João II⁴.

Os talheres começaram a ter dimensões semelhantes entre si e passaram a ser um sinónimo de luxo e riqueza, constituindo um presente bastante apreciado, o que implicou uma necessária adaptação dos objetos destinados ao transporte destes utensílios⁵. Assim, o uso da bainha para guardar a faca foi abandonado em detrimento de estojos apropriados para se guardarem as três peças, principalmente a partir da segunda metade do século XVII.

A influência do soberano francês Luís XIV foi responsável por elevar a arte da mesa e a sofisticação dos costumes à verdadeira magnificência, ao ditar as novas regras de estar, servir e comer à mesa, servindo de modelo e exemplo às restantes cortes europeias. No início de Setecentos a colher, a faca e o garfo afirmaram-se definitivamente no quotidiano familiar da corte e da nobreza portuguesas como uma unidade decorativa e utilitária, que se colocava junto do prato dos convidados durante as refeições, acabando por adquirir a denominação de talher⁶.

Inicialmente os talheres eram considerados objetos pessoais que cada convidado deveria trazer para o banquete e não uma responsabilidade do anfitrião, mas mais tarde passou a integrar os deveres do proprietário endinheirado disponibilizar a quantidade necessária de talheres consoante os convidados presentes. Desse modo, os talheres passaram a ser reunidos por norma em coleções de seis ou doze unidades, existindo faqueiros com múltiplos maiores, além de outros utensílios⁷. Quando o cliente podia pagar tais luxos, era de bom-tom guardarem-se em caixas próprias, com compartimentos adaptados ao formato das diversas peças, formando-se assim os estojos de faqueiro⁸.

A democratização do uso dos talheres no contexto familiar da elite portuguesa foi influenciada, não só pelas novas regras de etiqueta francesa, mas também pela afirmação de novos valores e mentalidades, responsáveis por alterar o próprio espaço onde eram servidas as refeições. Na segunda metade do século XVIII, os valores iluministas e reformistas acolhidos pela população vão-se refletir numa nova organização espacial da casa, definindo divisões com funções próprias onde antes existiam espaços interligados⁹. Das divisões surgidas como consequência dessa nova organização, destaca-se pela sua importância na vida familiar a sala de jantar, onde passam a decorrer as refeições, deixando a cozinha destinada apenas à confeção da comida¹⁰. A sala de jantar assume-se como um espaço destinado ao serviço das refeições e à receção de pessoas, ideal para os proprietários deslumbrarem os seus convidados através do palato e da visão de uma decoração requintada com prataria brilhante e mobiliário de luxo, ou uma associação de ambos, materializada nos estojos.

Assim, enquanto a presença dos talheres em prata traduzia a distinção social da família, revelando conhecimento sobre as artes de mesa, os estojos de faqueiro destinados a guardá-los eram elementos essenciais num elaborado jogo

de aparências, promovido pela conjugação de mobiliário de luxo e prataria de qualidade. A própria evolução estética, formal e tipológica deste mobiliário de conter também foi influenciada pela quantidade e diversidade de talheres, que se tornaram habituais durante as refeições e que aumentaram em número e função com a introdução de novos hábitos alimentares.

3. Características estéticas e materiais dos estojos de faqueiro entre os séculos XVIII-XIX

O estojo de faqueiro adotou várias formas e apresentou diferentes materiais consoante a função a que era destinado, o período em que foi fabricado, os ideais estéticos em voga a que o mobiliário da época esteve sujeito, permitindo compreender as vivências e o contexto familiar em que se destacou. Embora todos os estojos de faqueiro tenham por objetivo principal proteger e guardar os talheres, existem propósitos secundários que os vieram diferenciar e que permitem definir dois tipos de estojos com características formais e materiais distintas: os estojos de viagem ou individuais e os estojos de faqueiro de aparato.

No século XVI, os bainheiros de Guimarães já fabricavam estojos individuais para talheres¹¹, mas estes eram escassos e um pouco rudimentares. Os estojos de faqueiro mais antigos eram essencialmente de viagem e, por isso, bastante compactos, compreendendo normalmente uma faca, uma colher e um garfo, apesar dos estojos mais elaborados poderem ter uma decoração requintada, conter talheres desdobráveis ou desmontáveis e outros utensílios, como um pequeno cálice. Eram estojos de carácter e uso pessoal, de reduzidas dimensões, destinados ao transporte e salvaguarda de talheres de mesa individuais, que os viajantes transportavam uma vez que as hospedarias não facultariam esses utensílios durante as refeições¹².

Em Portugal, é fundamentalmente a partir da segunda metade do século XVIII que os estojos de faqueiro se desenvolvem e passam a ser aceites pela elite social como parte integrante do mobiliário da sala de jantar. Durante esse período, os estojos de faqueiro passaram a ser formados por um corpo prismático alto e fechados por uma tampa inclinada, denominando-se popularmente de “barretina”, devido à sua semelhança com a cobertura de cabeça militar. O expositor interior, onde se colocavam as peças de prata na vertical, era forrado por veludo tingido, com galões dourados ou prateados a contornar as divisórias onde se colocavam os talheres. Alguns exemplares possuíam ainda uma decoração estilizada com motivos florais no veludo da tampa.

Por oposição à sobriedade que caracterizou a maioria dos estojos de viagem, os estojos de aparato destacaram-se pelo seu pendor decorativo ao engrandecerem a sala de jantar, como um símbolo de ostentação e de riqueza familiar a ser apreciado pelos convidados. Embora pudessem apresentar alguma semelhança material com os estojos de viagem, o facto de conterem um número elevado de talheres tornava o móvel maior e mais pesado, inadequado a deslocações.

A disposição em rampa dos talheres no expositor, permitida pela altura do estojo e acompanhada também pela tampa, teria uma dupla funcionalidade no quotidiano familiar: não só permitia detetar rapidamente a ausência de qualquer peça do faqueiro como oferecia uma visão de conjunto mais apelativa do que se o expositor estivesse num plano menos inclinado¹³. O formato das divisórias do expositor era distinto consoante o talher que albergava, reservando-se predominantemente as formas retangulares para os garfos, as semicirculares para as colheres (de sopa e de chá) e as ovaladas para as facas. Esta configuração das divisórias não surge como uma norma geral, ao contrário, por exemplo, do revestimento interior em veludo que é transversal aos estojos de aparato, existindo exemplares com todas as divisórias retangulares, ovaladas e inclusive em ziguezague. Para os talheres de serviço eram reservadas divisórias próprias, sendo comum encontrar na parte superior do expositor a concha da sopa ao centro, ladeada do garfo e da faca de trincar, e na parte inferior uma colher escumadeira e a pinça ou a colher para o açúcar.

Os estojos de faqueiro mais requintados podiam ser revestidos a couro carmesim com gravações em ouro, enquanto nos estojos mais económicos era usada a “lixa”, designação comumente usada para designar a pele de cação ou de raia. É importante notar que a atribuição genérica dessas espécies à pele nem sempre se demonstra correta, como se verificou com a identificação dos denticulos dérmicos da pele do estojo intervencionado, mas torna-se algo comum perante a ausência de estudos científicos que abordem este material.

Este mobiliário também era executado em madeiras nobres e exóticas, decoradas com embutidos em marfim¹⁴, aplicações em prata, ou então pintado a dourado com motivos de *chinoiserie*¹⁵. Salientam-se ainda, pelos materiais invulgares usados no seu fabrico, os estojos executados em tartaruga e em porcelana da China. A utilização de espécies de madeira nobres, como o pau-santo, dispensava por norma qualquer tipo de revestimento, sendo a madeira apenas entalhada de modo a evidenciar a sua beleza natural ou decorada com embutidos¹⁶.

No seu exterior eram aplicadas ferragens metálicas em prata, bronze ou latão, em número e forma variáveis consoante o modelo e o estilo do estojo. Tomavam a forma de espelhos de fechadura e batente, pegas laterais e/ou na tampa e pés metálicos direitos, em bola, em garra ou em garra e bola. Existia um certo cuidado decorativo na aplicação dos elementos metálicos do estojo, verificando-se uma tendência para associar as ferragens em prata aos estojos com madeira nobre à vista, reservando-se o latão para os estojos revestidos a pele de peixe. Relativamente às ferragens é importante referir que se registou, de um modo geral, uma grande influência inglesa através dos álbuns de ferragens¹⁷, dado que os metais ingleses dominaram o mercado português do século XVIII, como consequência da implementação da Lei das Pragmáticas e das dificuldades em importar metais das colónias orientais e ocidentais por via marítima¹⁸.

O estojo de faqueiro adquiriu tamanha importância nas artes da mesa que a sua presença se difundiu tanto no continente europeu como no americano. Em Portugal chegaram-se mesmo a realizar projetos para peças de grande qualidade,

como a encomenda realizada por Francisco de Alma e Mendonça ao arquiteto e desenhador portuense José Francisco de Paiva, no ano de 1792, cujo desenho se encontra publicado no livro de Maria Helena Mendes Pinto dedicado a esse artista¹⁹. O desenho do estojo demonstrava um modelo inovador, em forma de urna, divulgado pelo *Guide* de Hepplewhite, no final do século XVIII. Esse formato não teve grande sucesso no país, pois o gosto português preferia o modelo com tampa inclinada que acompanhava a forma do expositor interno e promovia o efeito reluzente da prata contra o veludo.

O aparecimento de novos hábitos alimentares, com a introdução do chá e do café, implicou a produção de prataria específica para o consumo dessas bebidas, destacando-se as colheres de pequenas dimensões e a pinça/colher para o açúcar²⁰. Estas peças, não só começaram a ser integradas nos estojos de faqueiro maiores, como também foram concebidos estojos unicamente para os talheres de chá, construídos à semelhança dos de aparato mas de menor dimensão.

A importância da prataria na decoração dos espaços e na cenografia da sala de jantar, à semelhança do que se verificava nos banquetes reais, fizeram com que o investimento da sociedade portuguesa de Setecentos em peças do género fosse avultado e chegasse a figurar nos testamentos e heranças familiares²¹. A aquisição dos estojos de faqueiro pelas famílias endinheiradas poderia ser realizada mediante encomenda, ajustando-se o estojo e as suas divisórias aos talheres que o proprietário já possuía ou que herdara.

Uma outra forma de aquisição seria a compra conjunta do faqueiro e do estojo a um ourives, como é exemplo a encomenda realizada pela corte portuguesa durante o reinado de D. José I a François-Thomas Germain, cuja oficina também fornecia peças de ourivesaria à corte francesa²². A encomenda endereçada à oficina de Germain assemelha-se ao que é praticado hoje em dia, em que a venda de peças de ourivesaria e prataria é acompanhada dos respetivos estojos para as guardar. Esta hipótese sugere assim uma ligação entre diferentes ofícios, que se conjugam em benefício mútuo na venda do faqueiro e do seu estojo: o ourives para as peças de prata e o marceneiro para a execução do estojo.

No século XIX, a evolução da etiqueta à mesa refletiu-se na proliferação de novos tipos e formas de talheres individuais e de serviço, que obrigaram a adoção de uma nova forma de estojo guardado num plano horizontal. A sua forma alta característica, que evocava em alguns casos as cómodas entalhadas, dá lugar a caixas retangulares de madeira lisa, compridas e baixas, munidas de um espelho no interior e compartimentos adequados aos novos talheres de servir. Esta simplificação de formas é acompanhada por uma decoração singela, em que a superfície do estojo surge desprovida dos revestimentos em pele da centúria anterior e o revestimento interior limita-se ao veludo, sem presença de galões dourados. Até mesmo as ferragens acabam por se cingir às dobradiças, ao espelho da fechadura, desaparecendo os pés na base ou as pegas laterais e na tampa.

Esta mudança estético-formal advém da alteração de valores que se impuseram na sociedade deste período, em que a ostentação deliberada da riqueza familiar assume contornos mais subtis e a etiqueta à mesa se altera novamente. A estes associaram-se ainda o acesso e vulgarização de talheres de

prata a outros estratos da sociedade, o que levou à diminuição da importância atribuída a este tipo de mobiliário, que deixou de ser exclusiva da elite. Com a progressiva perda de simbolismo dos talheres de prata, que se torna definitiva no século XX, ao serem preteridos por novos materiais de fácil manutenção, como o inox ou a alpaca, o estojo de faqueiro é relegado para uma função meramente organizativa dos talheres e torna-se uma simples sombra do móvel que outrora fora destinado a ser aberto apenas em ocasiões especiais.

4. Estudo, conservação e restauro de um estojo faqueiro do século XVIII

A intervenção de conservação e restauro de um estojo de faqueiro do último quartel do século XVIII e o seu estudo histórico, material e técnico permitiram não só restituir a integridade física e a função original do objeto, mas também aprofundar o conhecimento que se detém atualmente sobre os materiais e sistema construtivo deste tipo de mobiliário de conter.

5. Caracterização material e técnica do estojo

O estojo de faqueiro intervencionado (Fig. 1 e 2) pertence ao último quartel do século XVIII e foi executado em três madeiras diferentes, que se encontram assembladas por cavilhas de madeira e cola animal para formarem a estrutura do móvel, sendo revestido exteriormente com pele de peixe. O móvel caracteriza-se por um corpo principal de dimensões médias, com forma prismática e fechado por uma tampa inclinada e fixada por dobradiças, denominada popularmente “barretina”. A base do estojo e os topos do corpo principal e da tampa estão decorados com uma tinta negra, que contrasta com o veludo vermelho e os galões dourados usados no revestimento interior. O expositor é constituído por vinte e nove elementos amovíveis, em madeira, que formam os cinquenta e quatro compartimentos onde seriam colocados os talheres. No seu exterior permaneciam vestígios do que seria o revestimento original, em pele de peixe, e várias ferragens decorativas e funcionais que facilitavam o transporte do móvel e protegiam o conteúdo do estojo, nomeadamente as pegas nas ilhargas e na tampa, os pés de garra e bola e o espelho da fechadura com a respetiva chave.

A identificação e caracterização material dos elementos constituintes foi indispensável para a definição da metodologia de tratamento, para além fornecer informações auxiliares à compreensão dos sistemas construtivos deste tipo de mobiliário de conter, sustentada em dados analíticos, que até ao momento eram inexistentes.

As espécies de madeira do suporte foram identificadas através da recolha e observação microscópica de amostras, enquanto os elementos químicos da liga metálica utilizada nas ferragens foram identificados através da espectrometria de fluorescência de raios-X dispersiva de energias (EDXRF). A microscopia ótica de reflexão (OM) foi utilizada na análise morfológica das fibras têxteis do veludo e

na identificação das camadas estratigráficas da tinta negra que decorava alguns elementos do suporte. A cromatografia líquida de alta eficiência (HPLC-PDA) permitiu identificar o corante vermelho utilizado no tingimento do tecido e a micro-espectroscopia de infravermelho com transformada de Fourier (μ S-FTIR) foi usada na identificação do aglutinante da tinta negra, que decorava algumas partes do estojo e na análise do adesivo usado para colar o veludo interior. Por fim recorreu-se à microscopia eletrônica de varrimento (SEM), para analisar a superfície e os dentículos dérmicos da pele de peixe usada como revestimento exterior.



Fig. 1 y 2.

A identificação de três espécies de madeira distintas na estrutura do estojo constituiu um importante contributo para o conhecimento da tecnologia associada aos exemplares revestidos com pele de peixe, que não permitem a observação do suporte, por oposição ao que sucede com os estojos realizados em madeiras nobres que, pela sua maior qualidade estética e valor económico, são deixadas à vista. Por essa razão, os dados analíticos respeitantes às espécies lenhosas encontradas neste exemplar, desmontado no âmbito da intervenção de restauro, revestem-se de especial interesse para o estudo deste mobiliário.

Após uma análise visual do estojo de faqueiro concluiu-se que os seus elementos apresentavam três tipos distintos de madeiras: o corpo do estojo, a tampa e os elementos do expositor foram executados na mesma madeira, com

exceção de dois blocos internos amovíveis, que apresentavam outra espécie lenhosa e tinham como objetivo exercer pressão entre os elementos do expositor e os planos da caixa, mantendo o conjunto coeso. Por fim foi observada uma outra madeira na base do estojo e nas cavilhas de união.

A madeira usada na estrutura foi analisada mediante a recolha de uma amostra de madeira de um dos elementos do corpo do faqueiro. A amostra foi seccionada à mão com recurso a uma lâmina de barbear de forma a expor a estrutura anatómica da secção transversal, sendo em seguida analisada com recurso a um microscópio. Baseado nas características anatómicas da secção transversal e após a sua comparação com a bibliografia disponível, concluiu-se que a madeira pertence ao género *Terminalia* spp., espécie *Terminalia superba* Engl. & Diels. Para a caracterização dos cubos foi realizada uma análise macroscópica da madeira, com uma lupa de 20x, após a remoção de uma minúscula secção de lenho de forma a expor a sua estrutura anatómica, identificando a madeira como pertencente à família *Rutaceae*, espécie *Euxylophora paraensis* Huber.

Por fim, a madeira da base e das cavilhas foi identificada através da recolha de amostras de uma das cavilhas. Neste caso, como o objetivo foi obter uma identificação baseada na secção transversal, tangencial e radial, a amostra foi dividida em três parcelas distintas, de dimensões tão reduzidas que o seu manuseamento se tornou inviável. Como tal, foi necessária a inclusão das parcelas em resina para possibilitar o seu manuseio e evitar a destruição da amostra durante o seccionamento. Recorreu-se a um micrótomo de lâmina fixa para obter secções de madeira até dez micrómetros de espessura, que foram permanentemente montadas entre lâminas e lamelas de vidro para poderem ser manipuladas, armazenadas e analisadas ao microscópio, com ampliações que variaram entre as 50x e as 200x. Baseado nas suas características anatómicas e após comparação com a bibliografia disponível, concluiu-se que a madeira em análise pertencia à família *Lecythidaceae*, género *Cariniana*, espécie *Cariniana* spp.

As características de cada espécie identificada adequam-se à função estrutural que cada uma assume na execução do estojo. A dureza e a estabilidade da *Terminalia superba* Engl. & Diels permitiu a execução dos elementos que constituem o corpo, a tampa e o expositor com diferentes espessuras e formas sem ocorrer a rutura dos mesmos, enquanto a sua leveza facilita o manuseamento e transporte do estojo sem que seja acrescido peso significativo ao próprio peso dos talheres. A diferença entre a espécie lenhosa do expositor e dos cubos poderá ser justificada como um aproveitamento de material durante a produção do estojo, sendo pouco provável a sua introdução numa fase posterior, uma vez que é essencial à estabilidade da estrutura e não há sinais que apontem para a sua substituição.

As características mecânicas da *Cariniana* spp. justificam a sua presença na base do estojo e nas cavilhas de união, pois a sua densidade natural permitiu a obtenção de cavilhas de dimensões reduzidas sem fraturar a madeira e tornou-a ideal para manter as uniões e suportar o peso dos talheres no plano da base. Por

outro lado, a sua flexibilidade permitiu que a madeira resistisse aos movimentos de dilatação e contração provocados pelas variações de humidade relativa e temperatura.

Os resultados das análises revelaram que o veludo do revestimento interior foi tecido em seda natural e tingido com cochinilha, um corante de origem animal, para adquirir o seu tom vermelho, que era a tonalidade mais comum nas barretinas de Setecentos. Os galões dourados que delimitam os compartimentos do expositor são constituídos por uma lâmina metálica central entrelaçada com fios de metal e alma de seda, refletindo a tendência em aliar o dourado dos galões ao vermelho do veludo.

As ferragens, com exceção da chave em ferro, foram realizadas em latão, uma liga de cobre e zinco, embora neste caso lhe tenha sido adicionado ferro para promover a resistência da liga. O adesivo utilizado na aplicação do veludo e da pele exterior sobre o suporte em madeira foi identificado como sendo uma cola proteica, possivelmente uma cola animal. O aglutinante da tinta negra foi identificado como sendo uma resina natural diterpénica, provavelmente resina de colofónia, misturada com pigmento negro de carvão vegetal ou de fumo²³. A pele de peixe usada no revestimento exterior era semelhante à pele do tubarão, *Dalatias licha*, também conhecido por tubarão-gata ou gata-lixia.

Os materiais utilizados no fabrico deste estojo, em particular o veludo e os galões, juntamente com o latão das ferragens, correspondem aos observados noutras barretinas do mesmo período, existindo assim uma unidade decorativa e material entre esses modelos. O revestimento exterior também partilha dessa uniformidade, dada a aplicação de uma pele de peixe sobre a madeira, embora a espécie de tubarão identificada não seja o cação, comumente mencionado nas publicações referentes a este mobiliário de conter.

6. Estado de Conservação

O estojo de faqueiro apresentava um estado de degradação acentuado que resultou do próprio envelhecimento natural dos materiais e das condições a que este esteve sujeito antes da intervenção, num local com humidade relativa elevada, ausência de arejamento e iluminação. Estes fatores ambientais contribuíram para a proliferação de microrganismos que consumiram a pele de peixe quase na sua totalidade, restando apenas alguns vestígios junto às ferragens.

O suporte em madeira encontrava-se atacado por insetos xilófagos, com diversos elementos do expositor empenados e outros fraturados, para além de apresentar manchas de adesivo e lacunas na base do corpo principal e no reverso da tampa, onde estava ausente um elemento que mantinha coeso o conjunto e permitia fechar devidamente o recetáculo (Fig. 3). Os metais estavam em avançado estado de corrosão (Fig. 4), apresentando um filme de produtos de corrosão esverdeados e azulados de aspeto pulverulento e volumoso nas ferragens em latão, enquanto a chave de ferro exibia produtos de corrosão laranja.

O veludo do revestimento interior apresentava sujidade superficial e entranhada nas fibras, devido à acumulação de poeiras, vestígios de atividade biológica em ambas as faces, bem como desgaste pontual, ausência de flexibilidade e deformação do tecido (Fig. 5). A degradação e perda das propriedades do adesivo promoveram o destacamento de vários fragmentos de veludo e ao desaparecimento de material têxtil ao longo do tempo. A extensão dessa perda só foi verdadeiramente compreendida durante a montagem do estojo, concluindo-se que as lacunas ascendiam a cerca de 50% do revestimento.

Os galões apresentavam-se escuros e manchados devido à deposição de sujidade, com destacamento do seu lugar original pela degradação do adesivo, deformação da lâmina central e dos fios que a rodeavam, oxidação do fio metálico e uma extensão considerável de lacunas que só se puderam quantificar aquando da montagem da guarnição interior no final da intervenção. Se considerarmos que o expositor e cada divisória seria contornada por um único galão a todo o comprimento, à semelhança do que acontece com os galões que ainda restam do revestimento original, encontra-se em falta cerca de 35% da decoração interior.

Este estado acentuado de degradação fez com que a intervenção fosse urgente e justificou a necessidade de desmontar integralmente o móvel para que fosse possível conservar e restaurar todos os elementos constituintes, possibilitando também a caracterização técnica e material do objeto.



Fig. 3, 4 y 5.

7. Intervenção de conservação e restauro

O tratamento iniciou-se pela desmontagem integral do estojo e catalogação dos diferentes elementos em madeira e veludo, seguindo um mapa esquemático para facilitar a sua futura montagem. De seguida foi efetuada uma desinfestação preventiva da estrutura e uma limpeza da sujidade superficial e das manchas de adesivo, utilizado na aplicação dos revestimentos, de modo a garantir uma boa aderência entre a superfície da madeira, o veludo e os galões aquando da sua nova aplicação. Procedeu-se à correção das deformações dos elementos, à colagem das madeiras fraturadas com acetato de polivinil (PVA) e ao preenchimento das lacunas da base e da tampa com madeira de castanho, para haver uma diferenciação material mas mantendo a resistência da estrutura.

Os metais foram limpos e os produtos de corrosão removidos antes de ser aplicado um revestimento de proteção final com cera microcristalina, para proteger as ferragens dos agentes atmosféricos e devolver o brilho ao latão. O revestimento interior foi limpo por aspiração, mas a remoção das manchas de adesivo no reverso do tecido implicou o recurso a um método de limpeza por humectação, que possibilitou também a planificação dos fragmentos. As lacunas do expositor foram colmatadas com veludo novo natural, com uma tonalidade carmim e uma altura do pelo semelhante ao original, efetuando-se a diferenciação material pela tonalidade e pelas marcas de recorte nos limites do tecido. Os galões originais foram limpos, planificados e aplicados no seu lugar original, optando-se por não colmatar as suas lacunas dada a dificuldade em encontrar galões com dimensões, materiais constituintes, número de fios e tipo de entrelaçamento semelhantes.

A nível do revestimento exterior foi utilizada uma pele sintética, com uma textura idêntica à da pele de peixe, colada com PVA sobre a madeira e tingida com uma tonalidade semelhante à dos estojos observados, mantendo visível o padrão texturado. Por fim, o estojo foi montado seguindo o esquema elaborado no início da intervenção e as ferragens foram aplicadas nos locais originais (Fig. 6 e 7).

O processo de desmontagem, a elaboração do esquema e catalogação dos elementos e a própria montagem final foram essenciais para o desenvolvimento do estudo dos sistemas construtivos deste tipo de mobiliário de conter (Fig. 8 e 9). Compreendeu-se que o processo de fabrico integrava diferentes etapas e se iniciava pela execução dos elementos da caixa e da tampa, que seriam cortados e entalhados de acordo com as características do estilo vigente na época. A segunda etapa seria dedicada à aplicação do revestimento interior em veludo e dos galões dourados a contornar as divisórias, através de um adesivo proteico, como a cola animal, enquanto a terceira etapa era dedicada à aplicação do revestimento exterior em pele de peixe. Por fim, a aplicação das ferragens sobre o revestimento em pele permitiria colocar a tampa no devido lugar, finalizando o processo de fabrico do estojo que seria posteriormente entregue ao cliente.



Fig. 6 y 7.

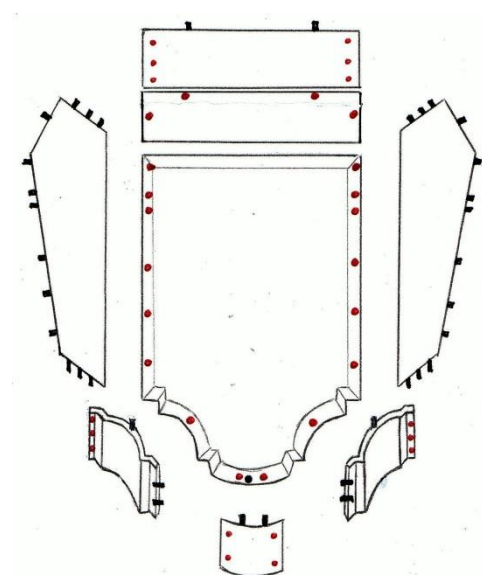
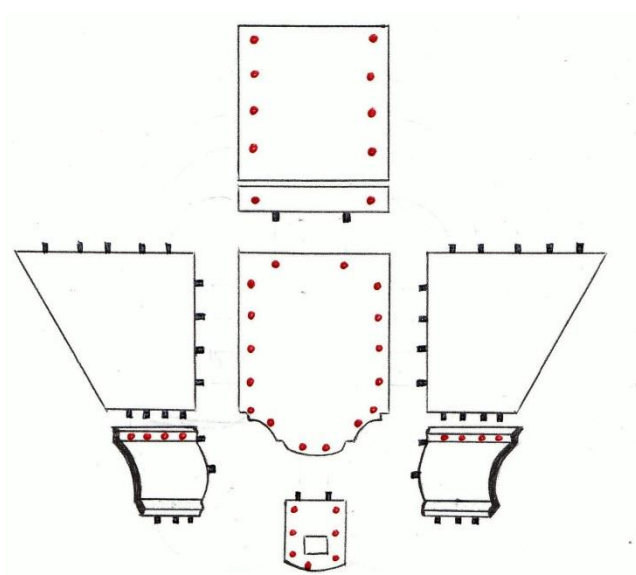


Fig. 8 y 9.

Conclusão

A origem e a importância do estojo de faqueiro estão intrinsecamente associadas ao percurso evolutivo da colher, da faca e do garfo e ao valor atribuído a estes utensílios, desde o seu uso coletivo durante as refeições na Idade Média até à sua afirmação como um conjunto unitário que conhecemos como talher. Com o advento das regras de etiqueta à mesa e do serviço à francesa difundidos pela corte de Luís XIV, em meados de Setecentos, a mentalidade e os valores sociais da elite portuguesa também se alteraram e a sala de jantar torna-se um local específico destinado a servir as refeições aos convidados, estando decorada com móveis que evidenciam a riqueza do proprietário, como o estojo de faqueiro de aparato que guardava o conjunto dos talheres de prata da casa.

Se o século XVIII primou pela decoração intensa dos estojos e pela riqueza dos seus materiais, em particular das madeiras nobres e do veludo, no século XIX este mobiliário de conter sofre uma simplificação progressiva das suas formas e decoração, consequência de uma nova mentalidade, da democratização do uso de talheres e da introdução de materiais mais económicos do que a prata.

O estudo analítico desenvolvido no contexto de uma intervenção de conservação e restauro de um estojo de faqueiro, representativo do modelo dito de barretina, permitiu a caracterização material e técnica do objeto. A desmontagem que se revelou indispensável para a concretização do processo de conservação possibilitou a compreensão da estrutura, do sistema de união e das etapas de fabrico deste tipo de móvel. O estojo foi realizado com recurso a três madeiras diferentes, cada uma adequada a uma função específica, unidas por cavilhas e cola proteica. O expositor encontra-se revestido por veludo vermelho e galões metálicos dourados no contorno das suas divisórias, à semelhança do que se observou noutros exemplares da mesma época. As ferragens foram executadas em latão e aplicadas sobre o revestimento a pele de peixe, *Dalatis licha*, cujo tom escuro é acompanhado pela tinta negra aplicada na base e nos topos da caixa, de resina natural diterpénica e pigmento negro de carvão vegetal ou de fumo.

Durante a intervenção e o processo de montagem foi possível tomar conhecimento das quatro etapas de fabrico do estojo de faqueiro: realização da estrutura da caixa, da tampa e do expositor; aplicação do revestimento interior; aplicação do revestimento exterior e por fim aplicação das ferragens. Este estudo constitui um primeiro contributo para o conhecimento material e estrutural deste tipo de objetos com base em dados analíticos, que poderá ser complementado com novos estudos e exames a efetuar noutros exemplares, de forma a valorizar este património e facilitar a sua conservação.

O mobiliário de conter, e em particular os estojos de faqueiro, permanecem ainda pouco estudados no que respeita ao contexto do seu fabrico e encomenda, à evolução estilística do objeto e à caracterização dos materiais e tecnologias associados à sua produção. Urge despertar atenção para o estudo deste património e para a elaboração de um levantamento exaustivo dos vários exemplares em território nacional, e respetivo estudo comparativo, de modo a melhor compreender a sua evolução em Portugal, atendendo à importância que

este tipo de mobiliário assumiu nas artes da mesa e na sociedade portuguesa do século XVIII e XIX.

NOTAS

¹ Vd. SANTOS, M., *Talheres de Prata de Guimarães: Séculos XVIII e XIX*, Porto, Universidade Católica Editora, 2012, p.21-28.

²Vd. BROWN, B. Cutlery [Em linha], 2003. Disponível em: <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3403400172.html>. [Consultado em 15/01/2015].

³ Vd. GRUBER, A., *L'argenterie de maison du XVI^e au XIX^e siècle*, Fribourg, Office du Livre, 1982, p. 209-211.

⁴ Vd. PEREIRA, A. M., “Ofícios de boca” na Casa Real Portuguesa (séculos XVII e XVIII)”, A. I. Buescu, & D. Felismino (Eds.), *A mesa dos reis de Portugal* (pp. 82-99), Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

⁵ Vd. FRANCO, A., *De Caçador a Gourmet*. São Paulo: Senac, 2001, p.153.

⁶ Vd. OREY, L., *Ourivesaria*, Lisboa, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, 1998, p. 73. A própria definição de faqueiro deixa de ser usada para referir um estojo destinado a guardar só facas, passando a denominar um conjunto de talheres com uma decoração idêntica. Vd. BLUTEAU, R., *Vocabulário Portugues e Latino* (Vol. IV), Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia, 1713, p. 33.

⁷ Para além dos talheres individuais existiam outros utensílios de formas e funções diversas que foram surgindo entre os séculos XVIII e XIX e que também integravam o faqueiro, destacando-se a faca e o garfo trinchantes, a concha de sopa e a de molhos, a colher de chá, a faca da manteiga e a pinça para o açúcar, entre outros exemplos. Vd. ALVES, F. et al., *Normas de Inventário. Ourivesaria*, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, 2011, p. 87.

⁸ Vd. SANTOS, M., *Ob. cit.*, p. 37.

⁹ Vd. FRANCO, C. d., “As elites femininas de Lisboa e o uso dos objectos, na 2.^a metade do século XVIII” *Revista de Artes Decorativas*, 1, 2007, pp. 139-158.

¹⁰ Vd. LOPES, C., *Estudos de História do Mobiliário*, Porto, Gabinete de Estudos de Artes Decorativas da Universidade Católica Portuguesa, 2004, p. 78.

¹¹ Vd. SANTOS, M., *Ob. cit.*, p. 70.

¹² É exemplificativo deste costume a visita de Félix Lichnowsky a Portugal em 1842, um viajante polaco que se fez acompanhar de um estojo individual com os seus talheres de mesa. Vd. SANTOS, M., *Ob. cit.*, p. 39.

¹³ Vd. FREIRE, F.; PEDROSO, G.; & HENRIQUES, R., *Ob. cit.*, p. 96.

¹⁴ Exemplar visível in PINTO, M. M., *Os móveis e o seu tempo: mobiliário português do Museu Nacional de Arte Antiga: séculos XV-XIX*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1987. p.95.

¹⁵ Exemplar visível in SOUSA, G. V., *Ob. cit.*, p. 29.

¹⁶ Ver como exemplo o estojo de faqueiro de origem portuguesa, entalhado em pau-santo e datado de 1775-1800, pertencente à coleção do Museu Nacional Soares dos Reis, disponível em <http://www.museusoaresdosreis.pt/pt-PT/colecao/mobiliariomnsr/pecasdestaquemob/ContentList.aspx>.

¹⁷ Um dos álbuns de ferragens inglesas que chegaram a Portugal encontra-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto e é composto por nove volumes, sendo o quinto e o sexto, de acordo com o trabalho elaborado por Adelina Valente, dedicados às ferragens para aplicação em mobiliário, onde se incluem modelos de asas, rosetas, pés e espelhos de fechadura para caixões, arcas, caixas de relógios e de facas. Vd. VALENTE, A., “Álbuns Ingleses de Ferragens para Mobiliário do Acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto”, G. Sousa, *Matrizes da Investigação em Artes Decorativas*, Porto, Universidade Católica Editora, 2010, pp. 45-66.

¹⁸ Vd. OLIVEIRA, A. R. “Poder e Sociedade. A Legislação Pombalina e a Antiga Sociedade Portuguesa”, *Revista de História das Ideias*, 4, 1982, pp. 51-90.

¹⁹ Vd. PINTO, M. H., *José Francisco de Paiva: ensamblador e arquitecto do Porto [1744-1824]*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1973, p. 211.

²⁰ Vd. SOUSA, G. V. (2001). Dinâmicas do rococó na prataria portuense. *Barroco: actas do II Congresso Internacional*, (pp. 227-236). Porto: Universidade Católica Portuguesa, p. 231.

²¹ Vd. SOUSA, G. V. (2015). *Fontes para as Artes Decorativas nos Açores V*. ed. 1. Porto: Universidade Católica Editora - Porto; CITAR.

²² Com base no documento de encomenda, “*Relaçam da prata encomendada a Germain, por ordem de Sua Magestade debaixo da direiçam do Senhor Pedro António Virgolino*”, datado de 24 de Junho de 1756, existe o registo que da encomenda real constavam “(...) cento e quarenta e quatro talheres (garfos, colheres e facas) em seis estojos, setenta e dois ditos dourados em três estojos (...)”, in OREY, L. – *Ob. cit.*, pp. 29-32.

²³ A ausência de fosfato de cálcio, indicativo de um pigmento negro de origem animal, sugere que o pigmento presente é um negro de carvão vegetal ou negro de fumo.